



***Contra os Gramáticos, de Sexto Empírico:
tradução anotada, quarta parte (M 1. 248-269)***¹

***Against the Grammarians, by Sextus Empiricus:
Annotated Translation, Fourth Section (M 1. 248-269)***

Joseane Mara Prezotto

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará / Brasil

joseane.prezotto@gmail.com

Resumo: Tradução anotada da seção M 1. 248-269 do tratado *Contra os Gramáticos*, escrito pelo filósofo cético pirrônico Sexto Empírico (prov. séc. II d.C.). Na passagem aqui traduzida, dando sequência ao ataque às partes da gramática, segundo a divisão apresentada por ele, quais sejam: técnica, *histórica* e gramatical, Sexto aborda a parte dita *histórica*, cujo escopo seria fornecer informações sobre personagens; ficções e mitos; palavras insólitas e outros elementos das obras literárias. Sexto, em sua argumentação, enfatiza principalmente a falta de método da atividade, asseverando a característica assistemática de seu objeto, o que demonstraria que não há *tekhne* envolvida no empreendimento gramatical como um todo. As notas de tradução buscam esclarecer questões subjacentes ao argumento sextiano, justificar escolhas tradutórias e disponibilizar informações que viabilizem traçar paralelos entre a passagem em questão e outras obras do autor ou do período.

Palavras-chave: Sexto Empírico; filosofia helenística; ceticismo; epicurismo; gramática; história.

Abstract: Annotated translation of section M 1. 248-269 of the treatise *Against the Grammarians*, written by the Pyrrhonian skeptic philosopher Sextus Empiricus (2nd century CE). In the passage translated here, following an attack on parts of Grammar (which are, according to him, technical, historical and grammatical), Sextus addresses

¹ Este artigo deriva de tese de doutorado, cuja pesquisa foi financiada com recursos CAPES/REUNI e CAPES/PDSE (0862-12-6).

the so-called historical part, whose scope would be to provide information about characters, fictions and myths, unusual words, and other elements from literary works. Sextus, in his argument, emphasizes the lack of method of the activity, asserting the unsystematic feature of its object, which would demonstrate that there is no *tekhnē* involved in the grammatical enterprise as a whole. The notes to the translation intend to clarify questions underlying the Sextian argument, to justify our translational choices, and to provide information to draw parallels between the passage in question and other works by the same author or of the same period

Keywords: Sextus Empiricus; Hellenistic philosophy; scepticism; epicurism; grammar; history.

1 Apresentação

Sexto Empírico foi um filósofo cético pirrônico e, quase certamente, também um médico, que teria vivido, acredita-se, no século II d.C. É o único cético grego da antiguidade de quem possuímos obras completas. A passagem traduzida neste artigo faz parte de seu tratado *Contra os Professores* (*M.* 1-6). Nessa obra, Sexto dá vazão a sua verve destrutiva atacando disciplinas teóricas em voga nas escolas filosóficas do período helenístico. Os alvos de seu ataque, distribuídos em seis livros, são: gramática, retórica, geometria, aritmética, astronomia (astrologia) e música (teoria musical). *Contra os Gramáticos* (*M* 1), do qual provém o trecho em questão neste artigo, é o primeiro e o mais extenso dos seis mencionados. Encontra-se na parte inicial, *M* 1. 1-40,² um ataque geral contra a possibilidade de ensino que tem a função, portanto, de introdução geral à discussão que perpassa os outros livros.

Na sequência (*M* 1. 41-96),³ no que consideramos a primeira seção propriamente dita do *Contra os Gramáticos*, Sexto delimita sua discussão definindo a gramática alvo do seu ataque como aquela completa, “organizada por Crates de Malos, Aristófanes, Aristarco e seus seguidores” (§ 44). E, mimetizando a estrutura presumivelmente comum aos “manuais” técnicos gramaticais do período, aborda os elogios

² Ver nossa tradução em Prezotto, 2017a.

³ Ver nossa tradução em Prezotto, 2018.

à gramática, critica suas definições, põe em xeque sua autodesignada tarefa e apresenta qual divisão e partes serão consideradas.

Na segunda seção, *M* 1. 97-168,⁴ tem início, então, a argumentação que trata das partes da gramática, ocupando-se, nesse momento, da parte técnica, mais especificamente do tratamento de letras, sílabas, partes da sentença e análise da sentença. Os ataques contra as entidades postuladas pela chamada parte técnica da gramática são tipicamente sextianos: os gramáticos não possuem elementos ou primeiros princípios (§ 99, 120); não existe algo como uma sílaba longa ou breve (§ 126, 130); é impossível que exista a palavra (§ 131); a sentença e suas partes não existem (§ 138, 140, 158); a divisão da sentença em partes é impossível (§ 161, 164, 168).

Na terceira seção, *M* 1. 169-247,⁵ dando continuidade ao ataque à parte técnica, Sexto aborda a ortografia, a correção e a etimologia. Nesse momento, a presença constante de argumentos que, muito provavelmente, são de origem epicurista, e não cética, é digna de nota. Pois poderia sugerir que sua fonte principal fosse uma obra de ataque à doutrina gramatical, nos moldes de tratados desse tipo provenientes da tradição epicurista.⁶

A seção aqui traduzida, a quarta em nossa divisão,⁷ *M* 1. 248-269, aborda a parte *histórica* da disciplina gramatical, cuja preocupação, conforme Sexto, era prover informações sobre: personagens – divinos, humanos ou heroicos; lugares, como montanhas e rios; tradições ligadas a ficções e mitos; palavras obscuras; e coisas desse gênero.

⁴ Ver nossa tradução em Prezotto, 2017b.

⁵ Ver nossa tradução em Prezotto, 2019.

⁶ Segundo Blank (1998, p. xxx), está atestada a existência de vinte e dois tratados epicuristas contra disciplinas. Em geral, eles atacaram *tekhnai* desnecessariamente especializadas ou pretensiosas e argumentaram que elas seriam inúteis. Ver Prezotto, 2015.

⁷ A divisão foi feita para adequar o texto à publicação em artigos e procura manter a lógica do tratamento por tópicos própria de Sexto.

2 Tradução⁸

*Contra os Gramáticos (M 1. 248-269)*¹

Se a parte *histórica* é consistente (*systaton*)

[248] É evidente que se considera a parte *histórica*² genericamente como parte da gramática. Taurisco, o discípulo de Crates,³ subordinando a gramática à crítica,⁴ tal como fizeram os outros críticos, disse que a crítica se compõe de uma parte racional (*logikos*), uma parte prática (*tribikos*) e uma parte *histórica*. [249] A parte racional volta-se para a expressão (*lexis*) e figuras (*tropoi*) gramaticais; a parte prática ocupa-se de dialetos, diferentes formas (*plasmata*) e tipos (*kharaktera*) de estilo;⁵ enquanto a parte *histórica* lida com o material desorganizado (*amethodos*) preexistente.^{6,7,8}

[250] Dionísio Trácio, quando diz que a gramática tem seis partes, às quais nos referimos mais acima,⁹ de forma genérica, como três, inclui a parte *histórica* entre elas. Pois diz que as partes da gramática são: a leitura treinada (*entribes*) de acordo com a prosódia;¹⁰ a interpretação de acordo com as figuras poéticas presentes; explicação de palavras e histórias; a descoberta das etimologias; o cálculo das analogias; e a crítica dos poemas.¹¹ Uma divisão estranha, que parece apresentar alguns dos resultados da gramática, ou suas subdivisões, como se fossem partes dela. [251] Obviamente tira a leitura treinada, a explicação e a crítica de poemas da parte que trata de poetas e escritores, e a etimologia e a analogia da parte *técnica*, e a essas ele contrapõe a parte *histórica*, que trata da explicação de palavras e histórias.¹² [252] Asclepiades, em seu tratado *Sobre a Gramática*, afirma serem três as partes primárias da gramática: *técnica* (*tekhnikon*), *histórica* (*historikon*) e gramatical (*grammatikon*)¹³ (esta em contato com as outras duas, isto é, com a *histórica* e com a *técnica*).¹⁴ Subdivide, então, a parte *histórica* em três, pois, afirma ele, da história fazem parte: a história verdadeira, a falsa e a

⁸ As notas à tradução foram dispostas como notas de fim.

verossimilhante – uma história de feitos (*praktike*) é verdadeira; aquela relativa a mitos é falsa; e ficções⁹ (*plasmata*), tal como comédias e mimos, são verossimilhanças. [253] E três são as partes da história verdadeira: uma trata dos personagens de deuses, heróis e homens famosos, outra de lugares e datas, e outra dos feitos (*praxeis*).¹⁵ Da história falsa, ou seja, das histórias míticas, ele diz que há apenas um tipo: a genealogia. E, como Dionísio, ele afirma que a parte concernente às palavras obscuras é geralmente subjugada à parte *histórica*; pois é pelo levantamento *histórico* (*historei*) que *kregyon* é “verdadeiro” ou “bom”;¹⁶ e assim também com o relativo a provérbios e definições. Com isso, fica claro a partir do que foi dito que eles consideraram a parte *histórica* como parte da gramática.¹⁷

[254] Agora, já que a maior parte deles concorda que o *histórico* não é *técnico*¹⁸ e provém de material desorganizado, estamos dispensados de um ataque mais detalhado. Mesmo assim, para não passarmos ao largo sem dar atenção ao assunto, levantaremos o questionamento a seguir: ou a gramática é uma arte ou a gramática não é uma arte (*tekhne*). E, se não é, a questão se resolve por si mesma. Mas, se é uma arte, e as partes de uma arte são sempre elas mesmas técnicas, e acabou de ser acordado que a parte *histórica* é ametódica, logo, a parte *histórica* não poderia ser parte da gramática.

[255] E é praticamente óbvio por si mesmo que é assim de fato. Pois o médico, a partir de um método universal e de uma capacidade *técnica*, afirma de alguma coisa em particular que é saudável, e de outra coisa que é nociva; e o músico considera harmônica uma passagem e dissonante outra, e harmônica em relação a determinado acorde, mas não a outro. No entanto, o gramático não pode, do mesmo modo que eles, a partir de alguma teoria científica (*epistemonike*) universal, declarar que o ombro de Pélops era de marfim porque seu ombro mesmo foi comido por Ares ou por Deméter,¹⁹ ou que Hércules ficou calvo porque seu cabelo caiu quando ele foi engolido pelo monstro marinho que estava atacando Hesíone.²⁰ [256] Mas, para fazer uma exposição dessas coisas, ele tem de encontrar todos os relatos (*historoumenoi*)¹⁰ individuais sobre elas.

⁹ Blank, 1998, *ad. loc.*: <τὴν περὶ πλάσματα>.

¹⁰ Blank, 1998, *ad. loc.*: ἱστοροῦμένοις ποῖ ἱστοροῦσιν.

Porém, repetir todos esses dados um por um, por ter consultado esses mesmos dados em relatos particulares, não é algo *técnico*. Logo, a parte *histórica* não foi organizada (*methodeuo*) pelos gramáticos a partir de uma arte.

[257] E ainda, se há uma *história* que trata de lugares, outra de datas, outra de personagens, outra de ações, é evidente que se explicações de lugares e tempos não são *técnicas*, tampouco será *técnico* o que trata de personagens ou ações.²¹ Pois, qual é a diferença entre ocupar-se destas ou daquelas? De fato, não há nada de *técnico* na *história* que trata de lugares, dizendo, por exemplo, que Brileso¹¹ e Aracinto são montes da Ática, ou que Acamante é um promontório em Chipre; tampouco naquela que estabelece datas, como, por exemplo, que Xenófanes de Cólofon nasceu na quadragésima Olimpíada. Isso, mesmo aquele que não é gramático, mas apenas curioso, também é capaz de fazer.

[258] Assim, tampouco será *técnico* dar declarações sobre personagens e ações, por exemplo, que Platão, o filósofo, se chamava antes Aristócles, tinha a orelha furada e usava brinco quando era jovem; ou que a filha de Aristóteles, Pitíade, casou-se com três homens: o primeiro, Nicanor de Estagira, parente de Aristóteles; o segundo, Procles, descendente do rei lacedemônio Demárato, com quem teve dois filhos: Procles e Demárato, que estudaram filosofia com Teofrasto; e o terceiro, pai do menino chamado Aristóteles, foi o médico Metrodoro, aluno de Crisipo de Cnídio e professor de Erasítrato. [259] Com efeito, além de todas as informações como essas serem completamente inúteis, também não evidenciam nenhuma capacidade *técnica*. De modo que tampouco explicar dados históricos resulta de uma arte (*entekhnos*).

Além disso, como demonstramos mais acima, não existe um conhecimento *técnico* do que é infinito ou de coisas que variam o tempo todo. [260] Mas, claro, histórias individuais são infinitas porque são inúmeras, além disso, não são fixas, pois não é como se todos contassem as mesmas histórias do mesmo modo sobre as mesmas coisas.¹² Por

¹¹ Blank, 1998, *ad. loc.*: Βρίλησος para Βριλησός.

¹² Blank, 1998, *ad. loc.*: οἷον (οὐκ ἄτοπον γάρ, ἵνα συμφυέσι τε καὶ οἰκειοῖς χρῆσώμεθα τῶν πραγμάτων παραδείγμασιν), ὑπόθεσιν {γάρ} ἑαυτοῖς ψευδῆ λαμβάνοντες οἱ

exemplo (e faz sentido utilizarmos exemplos conectados e que nos sejam familiares), os *historiadores* (*historikoi*) adotam uma suposição falsa e afirmam que Asclépio, o fundador da nossa ciência,²² foi fulminado por um raio, e, não satisfeitos com essa mentira, ainda a transformam de inúmeras formas:

[261] Estesícoro,²³ em sua *Erífile*, diz que isso aconteceu porque Asclépio estaria ressuscitando alguns dos que caíram em Tebas. Polianto,²⁴ o cirenaico, em sua obra sobre a origem dos Asclepiadas, diz que foi porque curou as filhas de Preto, que haviam ficado loucas por causa da ira de Hera. Paníassis²⁵ diz que foi porque fez voltar à vida o cadáver de Tíndaro. Estáfilo,²⁶ em seu livro sobre os arcádios, diz que ele curou Hipólito, que fugia de Trezeno, conforme a tradição que se transmite sobre ele nas tragédias. [262] Filarco²⁷ diz, no livro nono, que foi porque ele recuperou a visão aos filhos cegos de Fineu, como um favor para com sua mãe, Cleópatra, a filha de Erecteu. Telesarco²⁸, em seu *Argólico*, afirma que teria tentado ressuscitar Oríon. Em suma, algo que começa dessa forma, a partir de uma suposição que é falsa, multiplicada à exaustão, e reinventada conforme as vontades de cada um, não pode tornar-se objeto de uma abordagem (*theoria*) *técnica*.²⁹

[263] Além do mais, dos relatos (*historoumenoi*)³⁰ fazem parte a história,³¹ o mito e a ficção.³² A história é a exposição de acontecimentos verdadeiros,³³ como que Alexandre morreu na Babilônia envenenado por conspiradores.³⁴ A ficção refere-se a eventos que não aconteceram, mas que são contados como se tivessem acontecido: os enredos (*hupotheseis*) de comédias e mimos, por exemplo.

[264] O mito é a exposição de eventos que não aconteceram e são falsos, tal como dizer que a raça de serpentes e aranhas venenosas brotou viva do sangue derramado dos Titãs,³⁵ ou que Pégaso nasceu da cabeça decepada da Górgona,³⁶ e que os companheiros de Diomedes se

ιστορικοί <οὐκ ἀρκοῦμενοι τῷ ψεύσματι ἐν ᾧ>, τὸν ἀρχηγὸν ἡμῶν τῆς ἐπιστήμης Ἀσκληπιὸν κεκεραυνῶσθαι λέγουσιν, καὶ ποικίλως ποί οἶον (οὐκ ἄτοπον γάρ), ἵνα συμφυέσι τε καὶ οἰκείοις χρησώμεθα τῶν πραγμάτων παραδείγμασιν. ὑπόθεσιν γὰρ ἑαυτοῖς ψευδῆ λαμβάνοντες οἱ ιστορικοί τὸν ἀρχηγὸν ἡμῶν τῆς ἐπιστήμης Ἀσκληπιὸν κεκεραυνῶσθαι λέγουσιν, οὐκ ἀρκοῦμενοι τῷ ψεύσματι, † ἐν ᾧ † καὶ ποικίλως.

transformaram em aves marinhas,³⁷ Odisseu num cavalo,³⁸ e Hécuba numa cadela.³⁹

[265] Sendo tal a diversidade entre as histórias, e já que não existe qualquer arte que trate do falso e do inexistente (*anuparkta*), e é falso e inexistente o que se diz nos mitos e ficções, de que se ocupa principalmente a gramática em sua parte *histórica*, não pode haver qualquer arte para a parte *histórica* da gramática. [266] Por isso, merecem ser ridicularizados os que dizem que mesmo que o material de base da *história* seja desorganizado, ainda assim o julgamento deste material, pelo qual conhecemos o que é relatado (*historeo*) de maneira falsa ou verdadeira, é *técnico*.⁴⁰

[267] Com efeito, em primeiro lugar os gramáticos não nos forneceram um critério de verdade, com o qual pudéssemos testar quando a história é verdadeira e quando é falsa. Em segundo lugar, se para os gramáticos não há nenhuma história verdadeira,⁴¹ tampouco subsiste um critério de verdade. Um diz que Odisseu foi morto por seu filho Telégono sem que este soubesse quem ele era,⁴² outro diz que ele faleceu quando uma gaiota deixou cair em¹³ sua cabeça a cauda de uma arraia ainda com o ferrão,⁴³ e um outro que se metamorfoseou em cavalo. Não é uma tarefa insana querer descobrir a verdade entre coisas tão desconexas? Antes de tudo seria preciso estabelecer, entre aqueles que discordam, quem diz a verdade e, só então, procurar pelo que é verdadeiro. [268] Mas quando todos dizem coisas falsas e inacreditáveis, sequer existe brecha para que entre em cena⁴⁴ um critério *técnico*.⁴⁵

E ainda, os gramáticos nem mesmo nos ensinam de que maneira uma história seria bem escrita, de forma que pudéssemos, com referência a tais regras, dizer que sua parte *histórica* é *técnica*. Pois essa é a tarefa dos retóricos.⁴⁶

[269] Consequentemente, se eles próprios já admitiram que a *história* é como uma lista (*parapegma*)⁴⁷ sem método, e nós mesmos o comprovamos, e além disso eles não forneceram nenhum teorema *técnico* a favor de seu conhecimento ou consistência, então deve ser dito que,

¹³ Blank, 1998, *ad. loc.*: <ἐπι>

também no que se refere à parte *histórica*, a gramática é inconsistente (*asystaton*).⁴⁸

3 Notas à tradução

¹ Utilizamos a edição do texto grego de J. Mau e H. Mutschmann (1961), *Sexti Empirici opera*, presente no *corpus online Thesaurus Linguae Graecae*. Recentemente (em 2018) foi publicada uma nova tradução completa para o inglês dos seis livros do *Contra os Professores: Against those in the disciplines*, por Richard Bett, com base na edição de Mau & Mutschmann. Mesma edição que havia servido de base para a importante tradução de Blank (1998) para o *Contra os Gramáticos*. Quando seguimos uma inserção sugerida por Blank, informamos em nota de rodapé e usamos o sinal <...>. No caso de uma supressão, a nota traz o texto grego suprimido usando os símbolos: {...}. Bury (SEXTUS EMPIRICUS, 1949), para as Edições Loeb, segue outra edição, a de Bekker (1842). O leitor encontra disponível em português a tradução do *Contra os Gramáticos* feita por Brito e Huguenin (SEXTO EMPÍRICO, 2015), a partir da edição de Bekker (1842).

² *Historia* aqui guarda algo do sentido que, originado na filosofia jônica do séc. VI a.C., remete à investigação, inquirição, busca de informações, saber. No período helenístico, referia-se, principalmente, à busca realizada em livros, ou seja, à pesquisa erudita. Deixando outras questões de lado, interessa-nos, no momento, que o leitor tenha em mente a peculiaridade do uso do termo no contexto ao qual se refere Sexto. A parte *histórica* da gramática trata de *historiar* as obras. Assim, essa parte é tanto responsável pela *pesquisa* (atividade), geralmente em livros, quanto pela *publicação* (produto) de dados relativos a: personagens, lugares e datas (sejam fictícios ou reais) presentes nas obras literárias. Bem como, em algumas de suas definições, seria também responsável por esclarecer termos insólitos. Essa atividade resultou em vastas coleções, produzidas principalmente pelos Alexandrinos, dedicadas a tipos particulares de informações, bem como comentários a obras literárias individuais (cf. Blank, 1998, p. 257-259). Como já deve ter ficado claro, não se trata necessariamente do conhecimento de obras escritas por (chamados ou autodenominados) “historiadores”, mas de qualquer material que pudesse fornecer informação capaz de esclarecer algum aspecto de uma obra literária (cf. Press, 2003, p. 38: “*history makes its modest debut in the educational curriculum of Western civilization; not as a discipline, a science, or a body of knowledge, nor even as acquaintance with the writers of the historians primarily, but as information about various matters mentioned in whatever literature one studied.*”) “Retomar as tradições” foi como traduzimos *paradidomi* em § 93 em referência à tarefa da parte *histórica* (ver Prezotto, 2018). Essa atividade implicava, portanto, dedicação à pesquisa e erudição. Podemos apontar, então, a proximidade com o uso do termo *historia* no contexto da medicina empírica: a consulta a relatos de médicos sobre casos semelhantes ao que se acompanha. Mais informações em Press (2003) e Fornara (1983). Em nossa tradução,

mantivemos em itálico as ocorrências do termo nesse sentido próprio ao ambiente erudito e livresco helenístico. Sexto, em sua argumentação, como veremos, enfatiza principalmente a falta de método da atividade, asseverando a característica assistemática de seu objeto, o que demonstraria que não há *tekhne* envolvida no empreendimento gramatical como um todo.

³ Um dos mais importantes nomes da gramática helenística, o fundador da escola ‘crítica’ de Pérgamo, Crates de Malos (c. 180-150 a.C.) teria sido discípulo do estoico Diógenes da Babilônia (tradicionalmente, c. 240-152 a.C.), por sua vez, discípulo do próprio Crisipo (c. 281-208 a.C.). A identificação de Crates como estoico é questionada por Porter (1992). Crates e Aristarco de Samotrácia (c. 216-144 a.C.), líderes, respectivamente, da escola de Pérgamo e da escola de Alexandria, junto com o predecessor de Aristarco, Aristófanes de Bizâncio (c. 260-185 a.C.), são apontados por Sexto (§ 44) como aqueles que aperfeiçoaram a gramática.

⁴ Em § 79, Sexto afirmou: “Crates dizia que o crítico é superior ao gramático. O crítico, diz ele, precisa ser experiente na totalidade do saber linguístico (*logikes epistemes*), enquanto o gramático precisa simplesmente explicar palavras raras, restaurar a prosódia e dominar coisas desse gênero; por isso, o crítico é como um arquiteto, e o gramático, um ajudante.” Ver Prezotto, 2018 e Prezotto, 2015.

⁵ *Plasma* e *kharakter* são termos normalmente usados como sinônimos para a teoria dos ‘tipos de discurso’ ou ‘tipos de estilo’ (*genera dicendi*): cf. bibliografia em Blank, 1998, p. 260ss.

⁶ Exceto a parte *histórica*, não há equivalência completa para o sistema que atribuímos a Asclepiades na Tabela 1 abaixo. A aproximação mais óbvia seria entre a parte racional e a *técnica* – que compartilhem, além do método, provavelmente, a abordagem da *expressão* (*lexis*); e entre a parte prática com a gramatical (ou específica) – que lidam ambas com dialetos e estilos. No entanto, como afirma Blank (2000, p. 409-410), “não está claro onde Asclepiades posicionou o estudo de dialetos e estilos, que constituem a parte ‘empírica’ [prática] de Taurisco, mas provavelmente estivessem na parte gramatical de Asclepiades, já que não estão nem na parte técnica nem na histórica e dizem respeito a gêneros poéticos particulares”.

⁷ Como afirmou Blank (1998, p. 261), parece estranho que Taurisco tenha atribuído o estudo da dicção e figuras gramaticais à parte racional (*logikon*), enquanto o de dialetos e estilos à prática (*tribikon*). Estes termos, *logikon* e *tribikon*, aparecem na tradição de antagonismo entre escolas empíricas e racionalistas. O primeiro relacionado ao método racionalista, obviamente, e o segundo referindo-se ao ‘exercício prático da experiência’, conforme Galeno: “*Tribe* (‘prática’) é o exercício prático da experiência” (Galeno, *Subf. Emp.*, 48.25). “‘Experiência prática’ (*tribike*) é o que resulta do uso da ‘transição ao similar’ ou analogia; é chamada assim porque demanda muita prática e não pode ser usada simplesmente por qualquer um.” (Galeno, I. 69. 1; cf. *Subf. Emp.*

45.20; 49.17 *apud* Blank, 1998, p. 261). Talvez Taurisco pretendesse indicar assim o ‘método’ pelo qual cada parte tratava seu objeto e diferenciava a parte relativa às regras ou definições (leis gerais explanativas) dispostas racionalmente da parte que aplicava essas regras, na prática, a textos particulares. Talvez considerasse tarefa da parte racional a elaboração dos padrões da expressão linguística, enquanto a parte prática designava a repetida experiência com estilos e dialetos diferentes por observação e treino. Bett (SEXTUS EMPIRICUS, 2018, p. 102, n. 230), por outro lado, acredita que *logikon* refira-se simplesmente a ‘palavra’: “*logos, on which logikon is based, can mean ‘word’ as well as ‘reason’, and the subsequent description of what this part deals with seems to fit better with ‘word’*”.

⁸ O material desorganizado que foi ‘organizado’ pelo poeta/escritor, ou seja, o ‘conteúdo’ da obra literária em seu formato preexistente à obra, tal como teria sido ‘dado’ pela tradição. Portanto, a parte *histórica* ocupa-se do ‘levantamento’ das informações às quais a obra faz referência, tais como: mitos, histórias, pessoas, lugares, coisas e fatos. Por isso é dito desse material que é assistemático ou desorganizado (*amethodos*).

⁹ § 91, tradução em Prezotto, 2018.

¹⁰ § 100, tradução em Prezotto, 2018.

¹¹ O texto da *Ars Grammatica* de Dionísio que chegou até nós difere apenas na terceira parte, em que se lê: “pronta (*prokheiros*) explicação de palavras inusuais (*glossai*) e histórias”. Mas também contém um adendo à última parte, a crítica dos poemas: “a mais bela de todas as partes da arte” (*ho de kalliston esti panton ton en tei tekhnei*). Cf. Chapanski, 2003.

¹² Como sugere Blank (2000, p. 413), podemos supor que tenha sido Asclepiades o autor dessa crítica, tendo considerado, então: ‘leitura’, interpretação e crítica dos poemas como um resultado da parte gramatical; explicação de palavras e histórias como uma subparte da parte *histórica*; etimologia e analogia como subpartes da parte *técnica*.

¹³ Considerando que, tal como Sexto nos informa em § 47-48, Asclepiades deriva ‘gramática’ de *gramma*, no sentido de ‘composições’, i.e., ‘obras’, faz sentido usar o termo livremente para a parte antes (§ 91) mencionada como ‘específica’. “Sua parte ‘gramatical’ bate de frente com a *kritike* superior de Taurisco, como se dissesse que a ciência da literatura, tal como se prova etimologicamente, é a gramática, e a parte da gramática que julga criticamente a literatura é sua parte especificamente gramatical. Sua técnica de divisão é digna de nota: o gênero da gramática, *tekhne*, aparece em sua primeira parte, presumivelmente como a parte cuja tecnicidade garante a tecnicidade do todo; o termo da ‘espécie’ – ‘gramática’, aparece na terceira parte. Assim, as partes que estudam a linguagem e as coisas às quais se refere contribuem para o estudo do que as obras significam, e todas as três combinadas formam o estudo das obras, i.e., a gramática” (Blank, 1998, p. 265).

¹⁴ Essencialmente a mesma divisão adotada por Sexto em § 91-5, com a sugestão semelhante de que estão em ‘contato’, enfatizando a posição ‘agregadora’ da parte ‘gramatical’.

¹⁵ Reparar em como se qualificam as histórias ditas ‘verdadeiras’. Talvez esse exame pudesse acrescentar à análise desenvolvida por Cassin (1990) acerca do uso do advérbio *historikos* por Sexto, em *PH* 1. 4, para qualificar o modo como o cético fala: *historikos apaggelomen*.

¹⁶ *Kregyon* é um hapax homérico (*Ilíada* 1. 106) cujo sentido não fica claro pelo contexto.

¹⁷ A divisão da gramática em três partes: “técnica, histórica e específica”, escolhida por Sexto como ponto de partida para sua discussão em § 91, parece ser uma adaptação da tripartição de Asclepiades em “técnica, histórica e gramatical”, citada aqui. Sexto toma como base de sua crítica da parte *histórica* a descrição e estruturação atribuída a Asclepiades (§ 252). Com isso, poderíamos inferir que o tratado de Asclepiades seria, em última análise, a origem das seções de *M* 1 que irão expor a *tekhne* gramatical (cf. Blank, 1998, p. xlv). Asclepiades teria composto o *Sobre a Gramática*, título citado aqui por Sexto, presumivelmente desse mesmo tratado proveriam as outras citações anteriores referentes a Asclepiades: § 47 e § 91. Tal livro parece ter sido utilizado por Quintiliano em *De Oratore* e, em menor medida, por Dionísio de Halicarnasso. Sexto, no entanto, não parece ter conhecido diretamente o tratado de Asclepiades. As exposições das partes de seu sistema gramatical estarão, em geral, conectadas a refutações de viés epicurista, com isso, tanto exposição quanto refutação podem ter sido retiradas de uma mesma fonte. Com base nisso, poderíamos concluir, tal como faz Blank (1998, p. xlvi), que a fonte de Sexto seria um tratado epicurista que critica e ataca o *Sobre a Gramática* de Asclepiades. O quadro que se forma, acerca das partes constituintes da gramática, bem como seu escopo, ao longo da exposição de Sexto é o seguinte:

TABELA 1 – Constituintes da “Gramática” para Asclepiades de Mirleia, de acordo com Sexto Empírico (M 1)

<i>tekhnikon</i> técnica	letras (elementos), sílabas, <i>lexis</i> , partes da sentença, análise métrica e análise da sentença	todas discutidas por Sexto (§ 97-247).
	ortografia	
	correção: analogia, etimologia, virtudes e vícios do discurso	
<i>historikon</i> histórica	palavras obscuras	atribuído diretamente a Asclepiades (§ 252-3)
	histórias: verdadeiras, falsas, verossimilhantes	
	provérbios e definições	
<i>grammatikon</i> gramatical ou <i>idiaiteron</i> específica	interpretação, julgamento de adequação e autenticidade	descritas por Sexto (§ 93)
	valoração (ética?) da poesia (e prosa)	discutido por Sexto (§ 270ss)
	(leitura treinada, explicação e crítica dos poemas)	criticado à divisão de Dionísio Trácio (§ 252)

¹⁸ As disciplinas (*mathemata*) são atacadas, em seu fundamento ou utilidade, por sua pretensão de serem *tekhnai* ('artes') – conforme a definição estoica/dogmática. *Tekhne* foi definida pelos estoicos como: “sistema de *representações verdadeiras* coexercitadas” (*sustema ek katalepseon suggegumnasmenon*) e “direcionadas a alguma finalidade útil” (M 11. 182). Mantemos o termo em itálico para lembrarmos-nos de que se relaciona à *tekhne*.

¹⁹ Pélops era o filho que Tântalo, em sua tentativa de testar os deuses, esquartejou para servi-lhes em um banquete. O engodo foi percebido por Zeus que castigou o pai e ordenou às Moiras que salvassem o menino. Como seu ombro havia sido comido por Deméter (em todas as versões do mito que pude encontrar, por exemplo, *Pseudo-Hyginus, Fabulae* 83), foi substituído por um de mármore. A versão de que Ares é quem come seu ombro, mencionada por Sexto, não apareceu em minhas pesquisas.

²⁰ Hesione foi exposta por seu pai, Laomedonte, que cumpria um oráculo, ou por sua própria iniciativa, para ser devorada pelo monstro marinho Ceto e aplacar sua ira. Herácles a encontra na volta de sua expedição contra as Amazonas, conforme *Pseudo-Apollodorus, Bibliotheca* 2.5.9. A versão de que, ao salvá-la, é engolido pelo monstro, que mata atacando suas entranhas por três dias, emergindo sem seus cabelos, derretidos pelo vapor do suco gástrico do monstro, aparece em *Lycophron, Alexandra* 33-27.

²¹ Todos foram apontados acima § 253 como “conteúdos” da parte da *história* que trata do relato verdadeiro.

²² Essa observação de Sexto é um dos indícios que apontam para a veracidade de sua filiação a alguma escola médica.

²³ Estesícoro (c. VII-VI a.C.) foi um poeta lírico cuja obra nos chegou apenas em fragmentos.

²⁴ Supostamente um historiador, obscuro e de datação incerta.

²⁵ Paníassis (c. V a.C.) foi um poeta épico de Halicarnasso, tio ou sobrinho do historiador Heródoto. De sua obra possuímos apenas fragmentos.

²⁶ Supostamente um historiador, obscuro e de datação incerta.

²⁷ Historiador do séc. III a.C., sua obra, hoje perdida, foi alvo de comentários e serviu de fonte para Políbio, Plutarco e outros.

²⁸ Supostamente um historiador, obscuro e de datação incerta.

²⁹ Ver Cassin, 1990, p. 128: “*Sextus met em abyme la critique aristotélicienne du kath’hekaston comme objet de l’histoire, l’histoire traite des versions infiniment singulières et infiniment singulier.*”

³⁰ Entendemos *historoumenoi* (“relatos”), tal como em § 256, como o material de base da parte *histórica*, ou seja, o material que está sendo levantado. Desse modo, verdadeiro, falso ou verossimilhante são características aplicadas propriamente aos “relatos”.

³¹ Neste caso, podemos supor que o sentido seja algo como: ‘o relato propriamente dito’ e, assim, na sequência teríamos: ‘o relato propriamente dito’, ou seja, a história mesma, é a exposição de acontecimentos verdadeiros.

³² De acordo com Heliodoro (*Sch. DThr.* (Lond.) 449. 11-14 *apud* Blank, 1998, p. 266): “História é o relato claro de coisas que aconteceram ou que são possíveis. Mito é a narração de coisas estranhas ou arcaicas, ou a introdução de coisas impossíveis. Ficção é o que pode acontecer, mas não acontece.”

³³ Sexto ataca a existência de uma história verdadeira pela inexistência do critério de verdade logo à frente em § 267.

³⁴ Ver Curtius, *Historiae Alexandri Magni*, 10.10.

³⁵ Ver Nicandro, *Theriaca*, 8-10.

³⁶ Ver Hesíodo, *Theogonia*, v. 280.

³⁷ Ver Virgílio, *Aeneis*, 2.271; Estrabão 6.3.9; entre outros.

³⁸ Ver Sérvio, *Aeneis*, 2. 44.

³⁹ Ver Eurípidas, *Hecuba*, 1265.

⁴⁰ Ou seja, a parte *histórica* estaria supostamente comprometida com o julgamento das informações levantadas.

⁴¹ “Não está claro como Sexto acha que pode dizer isso. Em § 265 ele disse que a gramática é principalmente (*malista*) sobre mitos e ficções; mas, mesmo se aceitarmos isso, ‘principalmente’ não é ‘inteiramente’, e em § 263 ele reconheceu a existência de uma categoria adicional para a história verdadeira. Pode-se pensar que ele está inferindo isso da sentença anterior: se os gramáticos não nos deram um critério de história verdadeira, eles não têm nada que possa ser com segurança qualificado com este título. Mas, se assim for, seria estranho, na melhor das hipóteses, usar isso como *ponto de partida* para um argumento subsequente de que não pode haver critério de verdade aplicado a esses assuntos” (SEXTUS EMPIRICUS, 2018, p. 108, nota 249). Ver nota 45 abaixo.

⁴² Ver Apolodoro, *Epitome*, 7. 34ss.

⁴³ Ver fr. 478a Radt.

⁴⁴ Seguimos a sugestão de Bett (SEXTUS EMPIRICUS, 2018, p. 108, nota 251): “*Parodos*, ‘entrada’, era usado para (entre outras coisas) a entrada do coro em uma tragédia ou comédia; suspeito que Sexto pretenda evocar essa noção de entrada no palco,

apropriada a toda a conversa recente sobre ficção e mito, o que aumenta a sensação de que o suposto critério é puramente fictício.”

⁴⁵ Com o argumento desta seção, Sexto iguala “história verdadeira” a mitos e ficções. Sem um critério de verdade, não é possível discernir o que é verdadeiro, logo, também para a parte da *história* que trataria de relatos supostamente “verdadeiros” seu objeto poderia ser falso e inexistente.

⁴⁶ Conforme observa Cassin, 1990, p. 128, não há critério para decidir nem acerca da verdade-realidade do fato, nem para a verdade-adequação do relato ao fato, nem mesmo para a verdade-correção (formal) do relato historiado.

⁴⁷ Bett (SEXTUS EMPIRICUS, 2018, p. 108, nota 252) opta por “arquivos” (*archives*), sua justifica é: “*Parapegma* pode referir-se a um registro cronológico (‘anais’ no plural), mas também pode significar simplesmente ‘regra’, e é assim usado em § 223-225, § 236, § 240. Pellegrin *et al.* (2002) opõem-se a entendê-lo aqui no sentido histórico (assumido por Bury e Blank), porque isso não se encaixaria no tipo de ‘história’ que foi discutido acima. Mas a história ‘verdadeira’ de § 263, e os detalhes históricos pesquisados em § 258, são claramente compatíveis com ele. Que esta é apenas uma parte do que Sexto vem discutindo, e que somente essa parte poderia ser literalmente pensada como registrada em ‘arquivos’, não afeta seu ponto principal aqui, que é que o material fonte (de qualquer forma que seja entendido) é aleatório, não sistemático. Além disso, a explicação de Pellegrin *et al.* (2002) de como o sentido de ‘regra’ poderia ser aplicado aqui é muito sobrecarregada.” Por sua vez, Brito e Huguenin (SEXTO EMPIRICO, 2015, p. 125) usam “compilação”.

⁴⁸ A ‘inconsistência’ é normalmente o resultado da argumentação aporética acerca de itens que ou são constituídos de partes ou fazem parte de um sistema estruturado, tal como qualquer *tekhne* racionalista; ou seja, a conclusão é que o sistema não se ‘sustenta’. A ‘consistência’ (‘coerência’, ‘constituição’ ou ‘sustentação’) (*sustasis*) de uma *tekhne* deriva de seus teoremas, e a consistência de cada teorema resulta de uma formulação clara e não-contraditória cuja prova se dá por meio de outros teoremas e por meio dos princípios da *tekhne* (cf. *M* 3. 21; *M* 4. 3-4; *M* 5. 49; *M* 6. 61). Cf. Blank, 1998, p. 128.

Referências

BEKKER, I. (ed.) *Sextus Empiricus*. Berlim: Typis et Impensis Ge. Reimeri, 1842.

BLANK, D. (ed.) *Sextus Empiricus: Against the Grammarians*. Oxford: Clarendon Press, 1998. (Adversus Mathematicos I). Doi: <https://doi.org/10.2307/3246316>

BLANK, D. The Organisation of Grammar in Ancient Greece. In: AUROUX, S.; KOERNER, E. F. K. *History of Language Sciences/ Geschichte der Sprachwissenschaften*. Vol.1: An International Handbook on the Evolution of the Study of Language from the Beginnings to the Present. Berlin: De Gruyter, 2000. p. 400-417.

CASSIN, B. L'Histoire chez Sextus Empiricus. In: VOELKE, André-Jean. (ed.). *Lescepticisme antique, perspectives historiques et systématiques*. Lausanne:Faculté de Théologie de Lausanne, 1990. p. 123-38.

CHAPANSKI, G. *Uma tradução da Tekhné Grammatiké, de Dionísio Trácio, para o português*. 2003. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

FORNARA, Charles. *The Nature of History in Ancient Greece and Rome*. Berkeley: University of California Press, 1983.

MAU, J.; MUTSCHMANN, H. (ed.). *Sexti Empirici opera*. 2. ed. Leipzig: Teubner, 1961. v. 3.

PELLEGRIN, Pierre *et al.* (ed.). *Sextus Empiricus: Contre les professeurs*. Introduction, glossaire et index. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

PORTER, James. Hermeneutic Lines and Circles: Aristarchus and Crates on the Exegesis of Homer. In: LAMBERTON, Robert; KEANEY, John (ed.). *Homer's Ancient Readers: The Hermeneutics of Greek Epic's Earliest Exegetes*. Princeton: PUP, 1992. p. 67-114. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctvckq7j1.8>.

PRESS, G. *Development of the Idea of History in Antiquity*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2003.

PREZOTTO, J. *Sexto Empírico: Contra os Gramáticos*. Introdução, tradução e notas. 2015. 263 f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

PREZOTTO, J. Tradução anotada da introdução (M 1. 1-40) do Contra os Professores (M 1-6) de Sexto Empírico: argumentação geral contra a existência do ensino. *Phaos*, Campinas, v. 17, n. 1, p. 155-186, 2017a.

PREZOTTO, J. Sexto Empírico: Contra os Gramáticos. Tradução anotada, segunda parte (M 1. 97-168). *Anais de Filosofia Clássica*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 80-114, 2017b.

PREZOTTO, J. Contra os Gramáticos, de Sexto Empírico: tradução anotada, primeira parte (M 1. 41-96). *Hypnos*, São Paulo, n. 40, p. 1-30, 2018.

PREZOTTO, J. Sexto Empírico. Contra os Gramáticos: tradução anotada, terceira parte (M 1. 169-247). *Archai*, Brasília, n. 25, p. 1-30, 2019. DOI: https://doi.org/10.14195/1984-249X_25_9.

SEXTO EMPÍRICO. *Contra os Gramáticos*. Tradução de Rodrigo Pinto de Brito e Rafael Huguenin. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SEXTUS EMPIRICUS. *Against Professors*. Translated by Robert G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, 1949. (Loeb). DOI: https://doi.org/10.4159/DLCL.sextus_empiricus-against_professors.1949.

SEXTUS EMPIRICUS. *Against those in the disciplines*. Translated by Richard Bett. Oxford: Oxford University Press, 2018.

Recebido em: 8 de janeiro de 2019.

Aprovado em: 4 de abril de 2019.